

Onde vês, levantado  
Seis constantes varões a nobre fronte,  
    Jurar que fieis pintam  
    Factos por elles vistos;  
E firmes no tremendo cadafalso  
Com seu sangue sellar o juramento?  
                    CALDAS ODE VII, EP. 4.

A religião christã, que teria com seu balsamo suave cicatrizado tantas chagas abertas em tantos corações pela mão sangrenta da revolução, se nessas crises erguesse o seu estandarte divino! E que de fatalidades não poderiam resultar com a propagação de semelhantes doutrinas! Talvez que as mesmas scenas da mais horrorosa das revoluções que ensanguentaram a França, em que os altares se profanavam com a idolatria, e a palavra de hum despota que derivava a missão divina dos apóstolos, proclamava aos povos o axioma de Deos, — a alma he immortal! — e que no entanto a sociedade se desmoronava, que não se reconstruía como o templo de Deos com a palavra de Jesus Christo, se representassem nas margens argentinas; talvez!.... Mas os tempos passaram, e os cantos do vate da irreligiosidade levaram por sello a execração e o esquecimento; e as Harmonias dos Dellamartines, e os Suspiros dos Magalhães echoaram nessas margens magestosas onde essa voz outr'ora tão potente trovejára, e os povos escutaram essas harmonias, e escutaram esses suspiros, e Estevan Echeverria apparece como o crepusculo de hum bello dia, tímido ao principio ante as trévas de hum longa noite, e pouco e pouco se reanimando com a luz que ella reflecte, e eis por fim o dia que dessipa as sombras, e nova época desponta na litteratura argentina, que toma hum physionomia mais Americana, com menos visos de hespanhola, e mais interessante, por isso mesmo que se torna mais original.

He Estevan Echeverria o Magalhães argentino; e hum analyse de suas obras, que publicaremos a bom tempo, fará comprehender as felizes reformas que elle vem de executar na litteratura de sua patria; mostraremos então que novos satellites da moderna escola começam de apparecer.... São os novos bardos que dedilham suas harpas para entoar lugubres elegias á liberdade da nação que desce ao tumulo.... e á patria.... á patria que se definha!....

Outros litteratos conta a republica argentina, mas cujos nomes e obras são apenas conhecidos em sua patria, citaremos entre elles J. A. Miralla, discipulo de Chorroarin e intimo amigo do poeta Madrid, e que foi por algum tempo secretario de Bolivar e militar sob o estandarte colombiano, e que morreu em 1826 quando se preparava para fazer parte da expedição mexico-

colombiana, que devia libertar Cuba. A elle se deve entre outras muitas obras que se não publicaram hum riquissima edição dos classicos hespanhoes e a elegante versão das ultimas cartas de J. Dortis, reimpressa recentemente em Buenos-Ayres. Porém d'entre os autores que illustram este periodo he por certo Gregorio Funes o primeiro e o unico de seus historiadores o mais digno de menção. Foi no meio dos combates e lidas politicas que elle conseguiu reunir os diversos materiaes para a composição dos quatro volumes de sua obra, derramados pelas paginas das composições dos Herrera, Diogo de Cordoba, Antonio Calancha, Juan Melendez, Alonzo Alloa, Francisco Collin, Simão de Vasconcellos e Manuel Rodrigues, e que chegou a dar á luz o *Ensayo de la historia civil del Paraguay, Buenos-Ayres y Tucuman*. «A absoluta falta de hum livro, diz elle no seu prologo, que podesse satisfazer a curiosidade dos que foram nossos pais e das revoluções que hão precedido o nosso estado actual, foi o que deu impulso á minha justa timidez.» Seu estylo he fluente, sua dicção pura, mas o seu juizo quasi sempre fraco e parcial. «Pena he, diz *Le Sage*, aliás o conde de las Casas, na sua *Historia dos Estados da America septentrional e meridional*, que tão estimavel autor se deixe arrastar o mais das vezes pela influencia de hum prevenção que degenera em aversão contra a dominação hespanhola, a ponto de confundir os abusos dos particulares e as faltas das autoridades com a politica do governo colonial.» A publicação encetada por D. Pedro de Angelis das series de *Documentos ineditos sobre as provincias do Rio da Prata* he de summa importancia para a historia, e lança muita luz sobre a obra de Gregorio Funes.

J. Norberto de S. S.



## BRASILIANA.

Dedicada ao Illm. Sr. Ignacio Dias  
Pacs Leme.

### I.

Quanto he grato, meu Leme, nestas plagas  
Que o acaso e Cabral ao mundo deram,  
No centro destas virgens serranias,  
A natura adorar, inda innocente,  
E o mundo primitivo perlustrando,  
Ouvir da creação a voz intacta,  
Fruir embebecido os sons divinos,  
Aqui em sonho elyseu, em almo arrobo,  
Perfumando a existencia, amaveis horas,  
A vida se desliza entre venturãs.



## II.

He grato junto a hum corgo crystalino,  
 A' sombra gigantesca d'hum vinhatico  
 Repensar nesse mundo, em cuja lapida  
 Os sec'los exararam á porfia  
 O pomposo epitaphio — A historia humana —  
 Desdobrar do passado o panorama,  
 E do escuro sarcophago da morte  
 Arrebatat co' a mente o mundo antigo.  
 Aqui sem tradições vemos o berço  
 De Memphis, de Persepolis, d'Athenas;  
 Aqui vemos o Druida e o Cimmericio,  
 Como o genio do vate outr'ora vira  
 Nas florestas d'Ausonia e da Britania  
 Predizendo o futuro: estas montanhas  
 O berço do universo representam.

## III.

Pelasgos nossos pais, Phenicios foram!  
 Sobre o dorso das ondas inconstantes  
 Tendo a prôa no céu, na ursa os olhos  
 Toldaram de cem mares, com mil naves  
 As aguas onde punicas triremes  
 As virgens ondas com seus rostros ferreos  
 Jámais cortaram do oceano ignavo.  
 O Tigre, o Gange, o Prata, o Amazonas  
 Lavaram mais de vez as lusas quilhas.  
 Embalde em flexas, dardos convertêra  
 O valente Tamoyo estas florestas,  
 A sua independencia, e paz, curvou-se  
 Ao ferro e a bombarda lusitana.  
 Conquistando invadiram seus dominios,  
 Dominios cuja posse além remonta  
 Do uso da linguagem e do lume.

## IV.

Do reino do Tamoyo, aqui outr'ora,  
 Só de vasos fragmentos testemunham;  
 Rude esboço da industria primitiva,  
 O astro dos Toltecas e dos Incas  
 Não transmontou seus raios sapientes  
 Além do Chimboraso e do Jorulho.  
 Desde a infancia do mundo no seu leito  
 Jazeu a rocha immovel, sem que o ferro  
 Em templos, em pyramides, em porticos  
 A sua rija massa avassallasse.  
 O homem primitivo não profana  
 A ossadura da terra a ferro e fogo:  
 Elle a vida conhece transitoria,  
 Seu espaço do berço á sepultura;  
 E os dias deslisando na innocencia,  
 Como hum anjo, da campa aos céos s'eleva.

## V.

Tu que infante escutaste a voz d'hum sabio,  
 Do luso Montesquieu, lá onde o astro  
 Da diva sapiencia, fulgurando  
 Expande no univerno o claro lume.  
 Tu que outr'ora, sentado e pensativo  
 No monte Palatino, craneo augusto  
 Do historico esqueleto dessa Roma,  
 Viste as sombras errar d'heroes tão grandes,  
 Nesse imperio que outr'ora escravisára  
 O mundo de Strabão e de Aristoteles!  
 Que viste dos humanos o almo apuro,  
 Quer no pego insondavel do passado,  
 Quer na estrada do afan contemporaneo;  
 Que em varias regiões com pasmo viste  
 Debaixo de raizes seculares,  
 Cidades de cidades alicerces,  
 E a palavra dos sec'los esculpida  
 No marmore, no bronze e nessas ruinas!  
 Que a trilha de teus passos confundiste  
 Co'a a trilha das cohortes invenciveis,  
 Que o mundo avassallaram portentosos!  
 Que viste, não menores, os prodigios  
 Do sec'lo em que vivemos, que n'hum dia  
 Realisa o labor que annos custára,  
 Perfuradas montanhas, aqueductos,  
 Onde o carro inflammado vôa ovante;  
 O trajecto das pontes invertido,  
 Os Alpes nivellados e os tufões  
 A' nave fumegante se curvarem!  
 Que no afan te encontrei da sapiencia,  
 E das artes a unção sagrada e bella  
 A fronte juvenil tambem ornando!  
 Porque do turbilhão das capitaeas  
 Tão joven te ausentaste, caro amigo?!

## VI.

Razão cabal na mestra da existencia,  
 Na existencia dos homens encontreaste.  
 Aqui não ergue a voz a vil calumnia,  
 Impudicos tropheos desenrolando;  
 Nem da intriga cochicha o labio impuro.  
 Nem a ferrea socure do egoismo  
 As flores da virtude fana e myrrha.  
 O ruido das serpes n'estas brenhas,  
 O bramido das onças, e o sibilo  
 Que da tromba feroz a Anta despede;  
 E o rufo temeroso d'anc'ra eburnea  
 Que ao bronco caitutú arma a queixada,  
 Tem acentos mais puros, mais suaves,  
 Que os hymnos lisongeiros e traidores  
 Vibrados nos sophitos dos velabros  
 Aonde o scepticismo, em hasta publica,  
 Trafica Deos, a patria e os humanos.

## VII.

Berços de teus avós foi esta terra ;  
De Batavia teu tronco nobre e puro  
Aqui a independência firmou provido.  
A primeira esmeralda brasileira ,  
Que adornára do luso a regia fronte ,  
Da terra avita mão arrebatou-a  
Lá onde o Sabará , o Rio Doce  
Por entre aréas d'ouro , de diamantes ,  
Já desde a criação ao mar deslisam.

## VIII.

Estas serras gigantes de granito ,  
Que os astros affrontando , as nuvens cardam  
Co'a grenha secular de augustos troncos ;  
Cujos flancos em sulcos profundissimos  
Mysteriosas grotas , atras , formam ;  
Onde eterno crepusc'lo se enclaustrara ,  
E a voz dos furacões , das tempestades  
Eterna murmura , brama e ronca ,  
Ao som das catadupas que se garfam  
Entre broncos penedos e raizes ,  
E que o *Fiat* supremo , o mando eterno ,  
Escutaram , informes , inda presos  
Nas entranhas do chaos , da eternidade ,  
São , meu Leme , mais caras , mais suaves  
Que as torres colossaes , que esses zimbórios  
Erguidos entre as ruas e celeuma  
Desse emporio do sul , do novo mundo.

## IX.

Goza da independência que outorgou-te ,  
Aquelle que ao rei disse em plena côrte ;  
Quem vem para vos dar , pedir não deve

Tens na c'roa do palmito ,  
Na raiz do mangarito ,  
Grato cibo salutar ,  
Que mais podes desejar ?

Tens mil aguas crystalinas ,  
As frutas as mais divinas ,  
Huma esposa de invejar ,  
Que mais podes desejar ?

Tens huns filhos , que delicias ,  
Que te cercam de caricias ;  
Tu és pai , sabes amar ,  
Que mais podes desejar ?

Tens hum tronco virtuoso ,  
Nobre pai e generoso ,  
Irmãos de felicitar ,  
Que mais podes desejar ?

A terra ouro te brota sobre a messe ;  
N'hum tronco almo jaty labora o nectar ,  
E ainda p'ra assombrar na inculta selva ,  
Alado lavrador cultiva a esmo  
Aqui , alli frondosas laranjeiras  
C'os indigenos pomos contrastando !  
Para ti pasta o veado , engorda a rola ,  
Nutre-se a jacutinga e o macuco ,  
E nos ares pipita em atras nuvens  
Essa infinda nação que traja o iris :  
O tonico paty , cevadas pacas ,  
Do triclinio dos reis não conhecidos ,  
No tecto hospitaleiro sup'rabundam-te.  
Para erguer hum palacio , hum templo augusto ,  
Gigantescas columnas , rijas cordas ,  
N'hum minuto o machado colhe ovante  
Na frondente floresta , onde pullula  
O ferro vegetal , a telha florida ,  
E de tudo que Deos fez brinde ao homem.

## X.

Ah ! como ao contemplar taes quadros sinto  
N'hum ether de delicias balançar-me ,  
Qual balança a taioba os verdes discos  
Se o halito odoroso e susurrante  
Da brisa matutina enfia o bosque.  
Minha alma aos céos remonta , qual remonta  
A mimosa uricana os seus pennachos.

## XI.

Que pasmoso espectac'lo , que belleza  
Aqui destas alturas se divisam !  
O sublime firmou eterno imperio  
Sobre estas serronias gigantesças.  
Aqui em caracteres eviternos  
Suas leis escreveu a providencia.  
Estas pedras que suam mil regatos ,  
Estes fossos medonhos , estes campos ,  
O tinguá alcantil , o rude saxo ,  
E o magno Briareo destas florestas  
Giguitibá medonho na structura ;  
Estes troncos que abraçam trinta homens ,  
Que o alvo ao caçador frustram n'altura !  
Esta procreação infatigavel ,  
Esta phenix eterna de verdura ,  
Tudo , tudo revela a voz potente ,  
Que c'hum sopro creára o moto e a vida.  
Zomba da fouce a natureza provida ,  
Hum bosque secular cabe , d'improviso ,  
Ergue-se hum novo bosque por encanto !  
A voz da criação , esse hymno eterno ,  
Noite , dia incessante em puro accordo  
A latente harmonia cadenceia  
Nesta zona feliz , Eden celeste ,  
Que a estação amorosa eterna habita !



## XII.

Com vagas immoveis, como hum pelago  
 D'ondas petrificadas, se distende  
 Vastissimo horizonte, que se esfuma  
 Nesse azul oceano, que a meus olhos  
 A linha do infinito bruxulea.  
 Aqui, alli, ao longe se recurvam  
 Redes de estradas, rios e regatos  
 Como galhos argenteos que tremulam  
 Entre os montes, os campos e as searas!  
 Que scena divinal! Se a luz da aurora  
 Peneira no ambiente o roxo pollen  
 Que colora no céu os arreboes,  
 Ou do poente rubido incendeia  
 As orlas das montanhas, no horizonte  
 Inflammados phantasmas desdobrando,  
 Que diluvios de purp'ra á terra entornam;  
 Ou na hora em que voa o bacorão,  
 E acende o pirilampo o cirio, e cruza  
 Por entre tatibuias, e nos brejos  
 Sua luz movediça reflectindo  
 Hum triplo firmamento a vista fere!  
 Que sublimes paineis, que magestade,  
 Que mysticos encantos não desdobram  
 Tuas obras, Senhor, a mente artistica!  
 A tua omnipotencia assaz conculca  
 Os delirios do meu entusiasmo.  
 Com meus labios beijando o pó da terra,  
 No teu altar, Senhor, fruo curvado  
 As torrentes de amor que te consagro.

## XII.

Sorvei, meus olhos, sorve tu, minha alma,  
 Estes raios de luz, estes prodigios  
 Que a historia e a natura dadivosas  
 Nest' hora de venturas me trasbordam.  
 Que horizonte meu Deos, que panorama?!

À dextra alveja Santa Cruz que outr' ora  
 Os filhos de Anchieta e de Bragança  
 Mais de vez hospedou! — Progenie heroica —  
 Que a cruz e as lusas quinas transplantaram  
 Do Golgota e do Tejo até a gruta  
 Onde erguera Camões co'a mente diva  
 Monumento immortal a si e á patria.  
 N'essa bella mansão, regio dominio,  
 Se engorgita o Guandu d'ondas auríferas,  
 E as varzeas esmaltando expande ovante  
 Viço eterno na terra. Nos ceruleos  
 Siparios do horizonte avulta a serra  
 Que o berço de Amador á vista encobre,  
 Recinto colossal, que cinge as plagas  
 Aonde á voz de Pedro, no Ipiranga,  
 Hum imperio surgiu! Hum Deos foi quasi!  
 Em frente o céu recorta magestoso  
 Esse enorme gigante resupino  
 Em turquino filó amortalhado.

Não mede a flecha do Indio hum de seus membros,  
 Nem do caracará, nem do tucano  
 A abalada longinqua o corpo alcança!  
 Nos seus flancos eternos bruxulea  
 Tyro meridional, augusto emporio,  
 Cujo porto sondado tem mil vezes  
 As ancoras e as quilhas do universo.  
 Salve, inveja do mundo, rei dos portos  
 Asylo da bonança e paz dos mares;  
 Que viste em tuas aguas reflectir-se  
 Em fronte bragantinas — Só na America —  
 Dez regios diademas, regias fronte!  
 Em ti dormita em paz o palinuro  
 Despresando o pampeiro, e do equinoxio  
 O mortif'ro tufão que horrido sulca  
 Entre as vagas milhões de sepulturas.

## XIV.

Tambem d'aqui diviso a nobre rocha  
 O diurno pharol do nauta ousado!  
 Oh tu primor de Deos, mole sublime  
 Que toucas de trovões raios e nuvens  
 A tua alcantilada, alpestre cupula;  
 Balisa tropical, meta luzente,  
 Throno de Capricornio, a cujo mando  
 O ecliptico galope dos ethontes  
 Pára e recua no celeste circo,  
 Vedando o dardejar além das raias  
 As sarissas em pino, abrasadoras,  
 N'esse do sul Eden, onde o guayba  
 Co'os braços diamantinos acalenta  
 Magno berço de heróes, que temperaram  
 No sangue do inimigo invictos gladios!  
 Oh salve Pão d'Assucar, salve, salve!  
 Tu és do alquebrado nauta o astro  
 Que as syrtes afugenta do naufragio.  
 Tua vista refresca a calma intensa,  
 Aplaca a fome, dissidenta a sede;  
 Em teus pardos listões pende a esperança  
 Da saudade, do amor, e da amizade  
 As flores consolantes da existencia.  
 Tu apontas nos tympanos cansados  
 Do apito, vagalhões, ventos, balouços  
 Essa diva harmonia, som celeste,  
 Que desfere na prôa a grossa amarra  
 Quando ao fundo do mar mergulha o ferro!

## XV.

Neste ameno tapete de verdura,  
 Que por centos de milhas se matiza  
 De niveos aposentos, além vejo  
 Desses undosos e azulados tanques  
 Bordar de Nietheroy a lida margem  
 As ridentes mansões que amor respiram.  
 Boia no centro movediço bosque  
 De hum mundo a outro mundo transplantado.



Brilha-lhe em vez da coma floriverde  
Em vez de trepadeiras nas vergonteas  
Altivos pavilhões, largas antenas  
E o maçame intrincado, que retrata  
Das rijas creciumas o invio crivo.  
Co'essas moles audaz traça piloto  
De hum cabo a outro cabo aerea ponte,  
De hum polo a outro polo breve estrada;  
Co'a bussola e sextante a Groelandia  
Do cabo das tormentas dista hum passo.  
Dos extremos da terra os homens fallam-se,  
Nesse bosque Albion ao mundo envia  
Outro mundo que a industria refundira.  
Cravada de obeliscos colossaes,  
Que parecem do céu soste a cupula  
Rompe os ares dos orgãos serra enorme!

O raio já mais ferio  
Seus celestes corucheos;  
Seus profundos botareos  
Lambe o fogo dos volcões!

Alli, proscenio ingente, outr'ora hum vate  
A scena transplantou do Pelio e Ossa!  
Alli titanea prole hum novo assalto  
A' siderea mansão insana ousando  
De novo supplantára o braço electrico  
Do deos do paganismo, e sobre as ondas  
Ind'hoje de seus craneos boiam restos  
Nessas ilhas ridentes que povoam  
De Nictheroy sem par o lago ameno.

## XVI.

Cala-se a voz da historia se olho em retro,  
Mas surge da natura a voz potente,  
Graves assentos, hymnos portentosos  
Por toda a parte exbalça, que revelam  
O dedo divinal, que n'hum segundo  
Os astros granisou no infindo espaço,  
E a orbita traçou das harmonias.  
Prodigios de prodigios incessantes  
A cada passo nascem, desaparecem!  
Em delirios a mente se enfraquece,  
Curva-se o intellecto e se acobarda,  
Como outr'ora no frigido Simplone  
Antes que a voz d'Italia o despertasse!  
Largos lustrros errante, e incansavel  
Sobe e desce o tropeiro estas alturas,  
Sertanejas cantigas modulando,  
E no rancho do pouso o lote alija;  
Coa-lhe os membros o pesado somno;  
Saúda mil auroras e mil tardes  
Sem jámais em sua alma esvoaçarem  
Os extasis divinos, os delirios  
Que a natura nos vates a alma insuffla!

## XVII.

Nunca os olhos cansaram no exercicio,  
Nem de ouvir os ouvidos se fatigam!  
No cyatho do amor nossa alma abreva-se,  
Mas a taça do amor renova a sêde;  
Insondavel seu bojo avaro guarda  
Das sensações as ondas variaveis,  
Que no moto da vida multiplicam-se!  
E p'ra que, doce amigo, afan tão grande?  
A vida converter n'hum sumidouro  
Onde o pomposo prestito das artes,  
O colossal registro das sciencias  
Os ridentes paineis d'almos prazeres,  
Se submergem, jámais enchendo o ambito!  
Que fome insaciavel! He nossa alma  
Hum Tantalo no lago do universo;  
Abrasada co' a sede da verdade,  
Cada ponto que traça o circ'lo infindo  
De toda a criação, da mente diva,  
Hum mysterio clausura; em cada ponto  
Se hum astro procuramos, vemos trévas,  
Se o queremos tocar, elle recua!  
Arqueja a intelligencia de cansaço,  
E nos d'alma deliquios só vagueiam  
Essa luz que não vem lá do oriente,  
Nem do seio da terra, nem dos astros,  
Nem dos cirios dos templos, mas que mostra  
Do Senhor a grandeza, a immensidade.

## XVIII.

Goza, contente goza, illustre amigo,  
Em teu modesto asylo essa ventura  
Que o tredo ambicioso jámais goza.  
As bagas de suor que a fronte adornam  
São mais caras a Deos que laureas c'roas  
Ennastradas de prantos, de gemidos;  
Suas folhas espectros acobertam,  
E verdejam c'o sangue que as regara.  
Os calos nossas mãos mais puras tornam,  
Elles são da moral a unção sagrada,  
Insignias do labor, da independencia;  
As gemmas mais brilhantes para os dedos  
De hum braço varonil, de hum braço nobre.

Fazenda de S. Pedro, na serra de Santa Anna,  
30 de janeiro de 1844.

Araujo Porto-Alegre.